

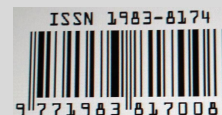
VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana

de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



VARIAÇÃO DA FORMAÇÃO LÍQUIDA DE CAPITAL FIXO EM CONSTRUÇÕES NO BRASIL: ANÁLISE DO PERÍODO 1948-2014

Viviane Catinin da Silva¹, Livia Maria Cordeiro de Sousa², Cicero Lourenço da Silva³

Resumo: O Produto Interno Bruto (PIB) está intrínseco ao investimento agregado, que no longo prazo é considerado componente de expansão econômica. Nesse sentido, quando há uma taxa de crescimento de formação bruta de capital fixo, os níveis do PIB obtêm variações positivas. Ao longo do tempo, o setor de construção no Brasil apresentou maior crescimento de séries de investimentos, com estoque líquido de capital fixo. Objetivando analisar as variações percentuais da formação líquida de capital fixo no setor de construção no Brasil, com oscilações negativas e positivas ao longo do período 1948-2014. O presente trabalho trata-se de uma pesquisa quantitativa, desenvolvida através de dados secundários que foram obtidos por meio do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEADATA). Com base na análise gráfica dos dados, é possível observar várias oscilações com tendência decrescente ao longo dos anos, com exceção aos anos que compreendem o Milagre Econômico, período de vigoroso crescimento da atividade econômica. Dessa forma, no período analisado ocorreram diversas oscilações na variação percentual que são explicadas pela conjuntura econômica adotada da época.

Palavras-chave: Formação líquida de capital fixo. Investimento. Setor de construção civil.

1. Introdução

O crescimento de um país está associado ao desempenho das variáveis macroeconômicas agregadas. Nesse sentido, parte das alterações do Produto Interno Bruto (PIB) está relacionado ao investimento agregado, que no longo prazo é considerado componente de expansão econômica. O investimento líquido ou estoque líquido de capital fixo é estimado, segundo Souza Júnior e Cornélio (2020), a partir da formação bruta de capital fixo deflacionada e descontada a depreciação.

Assim, de acordo com Soares e Cavalcante (2015), a taxa de crescimento de formação bruta de capital fixo é o principal coeficiente para as variações positivas dos níveis de crescimento do PIB. Ademais, aponta que o

¹ Universidade Regional do Cariri, e-mail: vivianwe.catinin@urca.br

² Universidade Regional do Cariri, e-mail: livia.cordeiro@urca.br

³ Universidade Regional do Cariri, e-mail: cicero.lourenco@urca.br

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

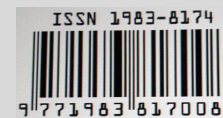
Semana

de Iniciação Científica da URCA

e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



país deve ampliar os investimentos na formação bruta de capital fixo para que haja altos níveis de produção e desenvolvimento econômico.

Para explicarmos o que motiva as economias a investir é importante mencionarmos os principais modelos teóricos de crescimento e o papel desempenhado pelo investimento em cada um dos modelos, na geração do produto.

De acordo com Filellini (1994), em sua teoria do crescimento, Smith (1776) propõe que a riqueza das nações é resultado do trabalho produtivo alcançado por meio da relação quantitativa estabelecida entre trabalhadores e população total, de forma que seja criado excedente de valor sobre os custos da reprodução da espécie. Deste modo, considera-se no modelo clássico que o crescimento econômico é função do aumento da utilização dos fatores de produção, tais como, capital, trabalho e conhecimento, com retornos constantes na produção.

O modelo keynesiano surge no cenário da Grande Depressão na economia americana em 1929, quando John Maynard Keynes se contrapôs aos princípios clássicos, negando a existência da mão invisível de Adam Smith e das proposições da Lei de Say, e foi apontado como o defensor da demanda efetiva (FILELLINE, 1994).

Lopes e Vasconcellos, (2013) afirmam que no modelo keynesiano a demanda agregada possui papel central na determinação do crescimento econômico, e não os fatores de produção que compõem a oferta. Os autores ainda salientam que, diferente do modelo clássico, em que o nível de oferta do produto não depende das variáveis nominais (preços, salários etc.), o modelo keynesiano considera a oferta altamente elástica em relação a essas variáveis, ficando a cabo da demanda agregada influenciar o nível do produto.

Segundo Filellini (1994), o desenvolvimento desse modelo possibilitou a Keynes provar que o binômio poupança-investimento, juntamente com a intervenção do Estado na economia, é capaz de modificar uma situação de desequilíbrio estrutural, caracterizada por forte desemprego. Além de promover, no curto prazo, um novo cenário econômico de recuperação e de crescimento.

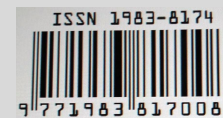
Conforme Alves (2016), o Modelo Acelerador dos Investimentos é reiterado que os resultados das variações entre o vínculo de capital/produto (K/Y) é o fator gerador do investimento, representando, assim, uma proporcionalidade linear na alteração do produto. Levando em consideração um aumento na relação K/Y , o investimento associa-se diretamente ao nível de crescimento mostrando-se de maneira constante. Por outro lado, esse modelo não faz observações sobre a defasagem temporal no processo de tomada de decisão por conta dos empresários, ignorando também o nível de investimento tomado no período corrente se ajusta apenas com o condicionamento do nível desejado de capital do período anterior.

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



Sobre o setor de construção, no Brasil, segundo Morandi e Reis (2004), ele apresentou maior crescimento de séries de investimentos durante os subperíodos analisados dentro de 1901-1990. O período que apresenta grande aumento de estoque líquido de capital fixo é de 1973 a 1983, destacando investimentos em estrutura e máquinas e equipamentos.

2. Objetivo

Analisar as variações percentuais da formação líquida de capital fixo no setor de construção no Brasil, com oscilações negativas e positivas ao longo do período 1948-2014, expondo os fatores geradores das maiores flutuações entre queda e aumento relativo à situação com representações gráficas.

3. Metodologia

Esse trabalho apresenta uma análise da variação do investimento líquido (formação líquida de capital fixo) em construções no Brasil no período de 1948 a 2014. Os dados secundários foram obtidos por meio do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEADATA), a preços nominais, em milhões de reais, usando como base o ano de 2010.

O método utilizado para calcular a variação percentual está apresentado na equação 1.

$$\left(\frac{obs.2}{obs.1} - 1\right) \times 100, \quad (1)$$

Onde: obs. 2 = ano atual; obs. 1 = ano anterior.

4. Resultados

A variação percentual da formação líquida de capital fixo em construção, como pode ser observada no gráfico 1 - Variação da Formação Líquida de capital fixo-setor de construção (1948-2014), apresenta várias oscilações com tendência decrescente ao longo dos anos, salvo o período que compreende os anos de 1968 a 1975, mostrando-se um período com menos flutuações. A partir de então, houve um novo ciclo de oscilação com queda expressiva registrada entre 1980 e 1983 - além do ano de 1961 que apresentou oscilação negativa de 30,64%. Por fim, torna-se possível observar que os maiores picos positivos da variação percentual foram nos anos de 1962 e 1986, com percentual de 57,80% e 44,27%, respectivamente.

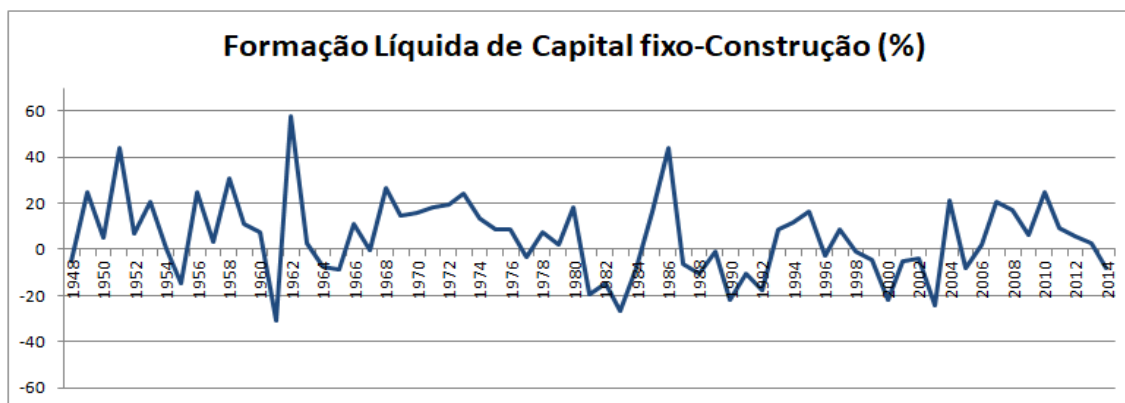
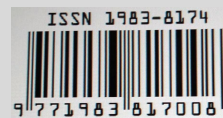
Gráfico 1 - Variação da Formação Líquida de capital fixo-setor de construção (1948-2014).

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”

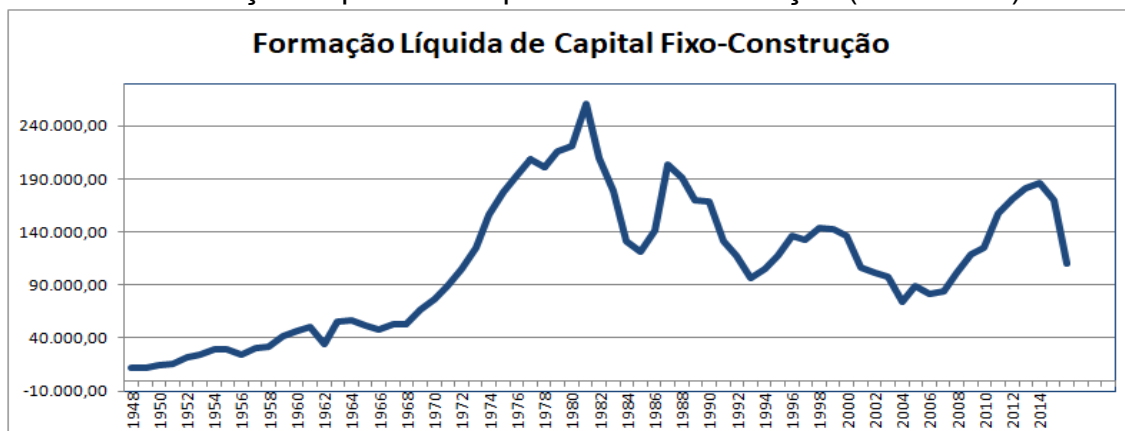


Fonte: elaboração dos autores.

De acordo com a literatura podemos associar a menor flutuações entre os anos em destaque (1968 até 1975) ao período do Milagre Econômico (1964-1973), que segundo Giambiagi (2011), a fase de 1968 a 1973 caracterizou-se por uma política monetária expansiva e por vigoroso crescimento da atividade econômica. Os picos apresentados com expressivas taxas de crescimentos podem ser compreendidos como o reflexos de diversos fatores que influenciam no aquecimento desse setor. Já os períodos com variação negativa são relacionados aos períodos de estagnação econômica, usando como exemplo o início dos anos 80, onde a conjuntura interna e externa encontrava-se defasada, acumulando diversos desequilíbrios macroeconômicos, a economia brasileira passava por uma recessão profunda (ABREU, 2014).

O gráfico 2 representa os valores referentes a Formação Líquida de Capital fixo em Construção - 1948 a 2014, cujos dados foram utilizados para construir o gráfico 1.

Gráfico 2- Formação Líquida de Capital fixo em construção (1948-2014).



Fonte: elaboração dos autores.

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



5. Conclusão

Diante da importância do setor de construção no Brasil, esse trabalho analisa a sua variação percentual da formação líquida de Capital Fixo entre os anos 1948 e 2014, o qual é relacionado com alguns fatores da conjuntura econômica brasileira. Os resultados mostram que no período analisado houveram diversas oscilações com tendência decrescente ao longo dos anos, ao observar a literatura nacional essas oscilações são reflexos da política adotada naquele interím.

6. Agradecimentos

À Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP) da Universidade Regional do Cariri (URCA) e ao professor Cícero Lourenço da Silva pela disponibilidade e orientação.

7. Referências

ABREU, M.P. A Ordem do Progresso: Dois Séculos de Política Econômica no Brasil. e.ed.Elsevier, Rio de Janeiro, 2014.

ALVES, G. F. Os determinantes dos investimentos privados e o efeito CrowdingOut no Brasil para o período de 2003-2015. Santa Maria, 2016.

FILELLINI, A. Desenvolvimento e Subdesenvolvimento. São Paulo: EDUC, 1994.

GIAMBIAGI, F. Economia Brasileira Contemporânea. São Paulo: Campus, 2004.

LOPES, L. M.; VASCONCELLOS, M. A. S. Manual de macroeconomia: nível básico e nível intermediário. 3. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2018.

MORANDI, L.; REIS, E. Estoque de capital fixo no Brasil. Anais do XXXII Encontro Nacional de Economia, 2004.

SOARES, C.; CAVALCANTI, P. O. PIB e seus determinantes: Uma análise econométrica para o Brasil. São Paulo, 2015.

SOUZA JÚNIOR, J. R. C.; CORNELIO, F. M. Estoque de capital fixo no Brasil: séries desagregadas anuais, trimestrais e mensais. Brasília: IPEA, 2020.